

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.1401201999-110>

ESPAÇO FEMININO NAS COMPETIÇÕES DE POESIAS SLAM: DISCURSO DE RESISTÊNCIA NA PERFORMANCE DE GABZ FEMALE SPACE IN SLAM'S POETRY COMPETITIONS: THE RESISTANCE SPEECH IN GABZ PERFORMANCE

Cilene Margarete Pereira*

Domynique Roberta de Oliveira Esposito**

Resumo: *As competições ou batalhas de poesias Slam têm sido compreendidas como um movimento social urbano de poetas-Slammers da periferia, que se juntam em espaços públicos para uma competição de poesia falada, na qual questões da atualidade são debatidas de forma poetizada e politizada. O movimento tem recebido maior visibilidade pela mídia digital, através das publicações realizadas pelas comunidades Slams em suas plataformas virtuais, revelando o espaço virtual como importante veículo de exercício da subpolítica. Considerando o exposto, este artigo objetiva analisar a performance poética feita pela jovem Slammer Gabz, no Slam do Grito filmes, veiculada no facebook. Na performance, são observados o discurso poético de Gabz, partindo do seu “lugar de fala”, conforme entendido por Djamila Ribeiro (2017), no qual ela denuncia a violência contra a mulher negra da periferia.*

Palavras-chave: *Poesia; Slam. Performance. Subpolítica.*

Abstract: *Slam's competitions or battles have been understood as a poets social urban movement. – Suburbs Slammers, who get together in public spaces for a spoken poetry competition, where presente issues are debated in politicized and poetic ways. The movement has received greater view through digital media, through publications by Slam communities in their virtual platforms, revealing the virtual space as an importante mean for the exercice of subpolitics. Considering the exposed, this article aims at analyzing the poetic performance by the Young Slammer Gabz, from its “speech origin”, as understood by Djamila Ribeiro (2017), in which she denounces violence against black women in the suburbs*

Keywords: *Poetry; Slam; Performance; Subpolitics.*

Recebido em 25/04/2019. Aprovado em 21/05/2019.

As competições ou batalhas de poesias Slam têm sido compreendidas como um movimento social urbano de poetas, conhecidos por Slammers da periferia, que se juntam em espaços públicos para uma competição de poesia falada. Nessas competições, questões da atualidade são debatidas de forma poetizada e politizada.

* Doutora em Teoria e História Literária/UNCAMP; Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). E-mail: prof.cilene.pereira@unincor.edu.br

** Graduanda em Psicologia; Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). E-mail: domyniqueesposito@hotmail.com

As competições de performance poéticas são realizadas em diversas cidades do país e, ainda que ocorram variações, três regras são fundamentais: (1) os Slammers devem versar um poema de sua própria autoria; (2) não podem utilizar suportes como instrumentos musicais ou figurinos e adereços e (3) devem apresentar a poesia no período máximo de 3 minutos – estas duas características distanciam o Slam do rap, gênero musical do hip hop. Mas assim como se dá no rap, as poesias dos Slammers são constituídas de versos críticos e linguagem ácida, abordando temas como racismo, violência, autoritarismo, sexismo e desigualdade social.

Neste artigo, refletiremos sobre a poesia Slam, considerando a performance poética da Slammer Gabz, veiculada na página do Grito filmes. Na performance, são observados o discurso poético de Gabz, partindo do seu “lugar de fala”, conforme entendido por Djamila Ribeiro (2017), no qual Slammer denuncia a violência contra a mulher negra da periferia, assim como sua gestualidade corporal, parte importante da batalha, que não por acaso acontece no espaço público real e se projeta para o virtual.

A PERFORMANCE DE GABZ: POLÍTICA E LUGAR DE FALA

Roberta Estrela D’alva observa que o “poetry Slam” poderia ser definido de diversos modos: “uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento”. (D’ALVA, 2011, p. 120). A partir desse posicionamento, é possível pensar o Slam como uma prática artística de entretenimento lúdico, no qual se envolvem o jogo e a atuação performática, ao mesmo tempo em que uma espécie de desabafo social, na medida em que temas atuais, ligados à exclusão social, são colocados em pauta por seus praticantes.

Ainda que ocorram no espaço público real, essas competições têm recebido maior visibilidade pelas mídias digitais, através de publicações veiculadas pelas comunidades de Slam em suas plataformas virtuais. Para Moita Lopes, as redes sociais da WEB 2.0 se tornaram “na contemporaneidade, lugares de ativismo político e de construção de significados transgressores sobre a vida pública e privada, por meio dos quais subpolíticas são construídas.” (MOITA LOPES, 2010, p. 393).

O termo subpolítica, cunhado pelo sociólogo alemão Ulrich Beck,

[...] insere uma nova forma de fazer política, a qual se distingue da política simples por permitir que agentes externos ao sistema político apareçam no cenário do planejamento social, não somente os agentes sociais e coletivos, como Partidos políticos, sindicatos, etc., mas também indivíduos por meio da “individualização” (VILEMA, 2016, p. 6-7, aspas do autor)

Através da WEB milhões de usuários das redes virtuais estão tendo acesso e consumindo as poesias, o que promove debate e reflexão sobre a vida social e ainda mobiliza interação e participação em discussões sobre temas da atualidade.

Nessa perspectiva, podemos compreender que a subpolítica é construída por meio das perspectivas presentes no espaço das práticas sociais e artísticas do Slam: por um lado, seus participantes se apoderam do espaço público para exercerem sua cidadania; por

outro, exerce-se a política por meio também da esfera virtual, amplificando vozes antes silenciadas, como a da mulher negra, pobre e periférica, como é o caso da de Gabrielly Nunes, nome real da Slammer Gabz.

É possível compreender as comunidades de poesia Slam e sua rede de integrantes como promovedores de um tipo de prática de letramento, que estimula aprendizado e compreensões acerca de determinada realidade social. Ao nos apoiarmos no conceito de letramento, devemos reconhecer a relevância e o impacto das competições poéticas, tanto na esfera individual, que atua sobre os sujeitos participantes, ouvintes e usuários, como de modo mais amplo, considerando as redes de compartilhamento.

A respeito das práticas de letramento de jovens de comunidades carentes, Ana Lúcia Souza aponta que são modos de reexistência:

Os letramentos, que caracterizo como de reexistência, mostram-se singulares pois, ao capturar a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal. (SOUZA, 2011, p. 24).

Práticas como a citada acima, chamadas de “letramentos de reexistência” por Souza, são comuns ao mundo do hip hop, ao qual o Slam pode ser associado, sobretudo ao rap, por serem ambas expressões poéticas faladas a partir de um “lugar de fala” bem determinado. Tanto no rap quanto no Slam a poesia nasce da realidade vivenciada por seus praticantes, que é inserida em um contexto maior, pois “Ao cantar as mazelas e o desconforto do mundo circundante”, rappers e Slammers “encontram ressonância junto as suas comunidades para criticar alguns dos pilares de sustentação da cultura Ocidental: Democracia, Liberdade, Justiça e Cidadania” (SOUZA apud SANTOS, 2013, p. 21)

Na performance de Gabz, observamos que o seu discurso poético parte de seu “lugar de fala”, conforme entendido por Djamila Ribeiro, visto apontar o protagonismo de vozes minoritárias, no caso, a feminina negra. Ao colocar em discussão o conceito de “lugar de fala”, Ribeiro aponta que o grupo social ao qual o sujeito está ligado diz sobre as vozes históricas e sociais de uma determinada localidade, visto que “não existe uma identidade, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinadas.” (RIBEIRO, 2017, p. 72). Nesse caso, deixa-se de pensar na “universalização da categoria mulher”, como se dava no movimento feminista em sua origem, que entendia a mulher como algo único e homogêneo, dissociado de aspectos como “raça, orientação sexual, identidade de gênero” (RIBEIRO, 2017, p. 21), para se pensar em “lugar de fala”.

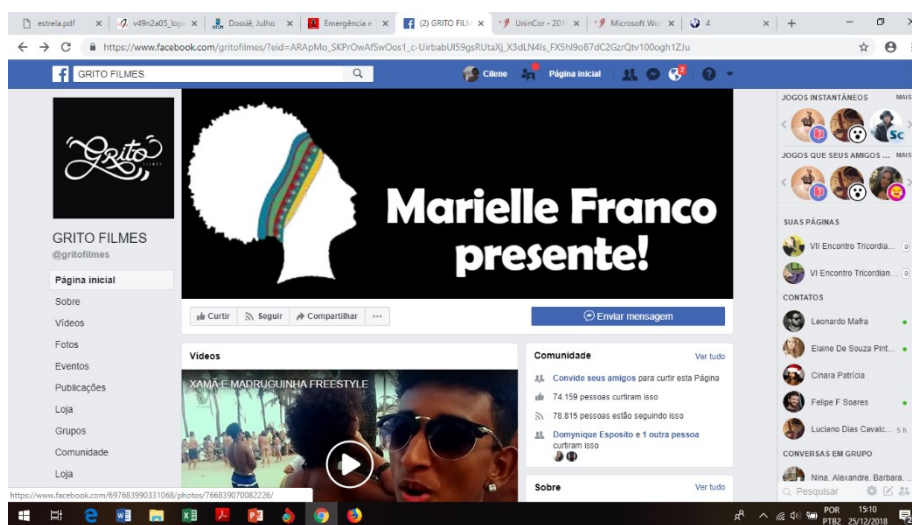
Ribeiro aponta que a discussão sobre “lugar de fala” compreende não só as particularidades que dizem respeito a experiências femininas diversas, mas procura romper com a “narrativa dominante” que coloca a história do corpo negro como “capítulos em compêndios que ainda pensam a questão racial como recorte.” (RIBEIRO, 2017, p. 15). Nesse sentido, pensar em “lugar de fala” equivale a desconstruir narrativas existentes sobre grupos minoritários, que passam a exercer o poder político da fala e da representação por eles mesmo. Para Ribeiro,

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. (RIBEIRO, 2017, p.64).

A propósito disso, é interessante observarmos que a performance de Gabz é emoldurada por uma fala inicial coletiva, gritada, pelos participantes físicos da competição: “Lugar de mulher / É onde ela quiser!”. Esta fala inicial é a transfiguração de uma fala socialmente localizada, a voz masculina, que colocava a mulher em lugares sociais específicos: a casa e as obrigações domésticas.

Os esclarecimentos sobre “o lugar de fala” feitos por Djamilia Ribeiro nos permite compreender a narrativa poética e de enfrentamento da performance de Gabz ao expor realidades e vivências desvalidadas e apagadas, que são projetadas por meio dos Slams. Gabz ocupa um espaço social desprivilegiado, como mulher, negra, moradora do bairro de Irajá, Zona Norte e periférica do Rio de Janeiro. O recorte que examinaremos aqui é o vídeo da performance poética feita pela rapper e Slammer Gabz, no Slam do Grito filmes, veiculada no Facebook.¹

FIGURA 1: Página do Grito Filmes no Facebook



Na página do coletivo, no Facebook (FIGURA 1), a foto da capa já indicia a perspectiva social e política do grupo, que manifesta apoio à liderança exercida pela vereadora da cidade do Rio de Janeiro, Marielle Franco, assinada em 14 de março de 2018, na manutenção de sua resistência política. Tal como a prática política de Marielle, de visibilidade social de grupos marginalizados, agremiando suas vozes, o coletivo, “formado por cineastas, fotógrafos, cinegrafistas e mídia ativistas”, tem por objetivo fazer a “cobertura de eventos culturais de rua”,² priorizando manifestações culturais periféricas.

¹ O vídeo da performance de Gabz está disponível também em <https://www.youtube.com/watch?v=kZhPvruoeFw>. Acesso em 25 dez. 2018.

² Disponível em: https://www.facebook.com/pg/gritofilmes/about/?ref=page_internal. Acesso em 25 dez. 2018.

Neste contexto, a página exibe a poesia de Gabz, que relata a violência contra a mulher negra da periferia. Na performance de Gabz, é notória a fluidez nas rimas de enfrentamento das imoralidades sociais, que carregam gatilhos de um passado histórico marcado por violências e injustiças contra a comunidade negra. Podemos observar que em determinados trechos de sua performance, Gabz oraliza sua poesia em tom de revolta, lembrando suas ancestrais escravizadas e violentadas:

[...]
ocês acha que nós num lembra do estupro da escrava!
que ceis ainda comemoram a ação!
porque o resultado!
a linda miscigenação!
[...]

A referência à miscigenação, qualificada ironicamente de “linda” por Gabz, põe em relevo a falsa ideia de “democracia racial”, sugerida por Gilberto Freyre,³ sobre a qual se construiu uma espécie de fábula brasileira de adequação e mistura harmônica entre raças, servindo esta para mascarar, muitas vezes, a violência das relações sociais entre negros e brancos, que levaria ao mito do não racismo brasileiro. Nos versos de Gabz, essa noção é descortinada só pelo uso irônico do vocábulo “linda” como pela palavra “estupro”, evidenciando a noção de violação do corpo feminino negro e de sua não submissão ao masculino/branco.

A poeta constrói sua oralidade a partir de uma postura crítica aos discursos naturalizados pelas mídias e os de senso comum, que questionam a humanidade do feto e anulam a existência da menina negra, que precisa, com riscos a sua saúde, interromper uma gravidez indesejada. Seu discurso é de revolta contra os julgamentos direcionados a essa mulher, que está, de fato, sozinha:

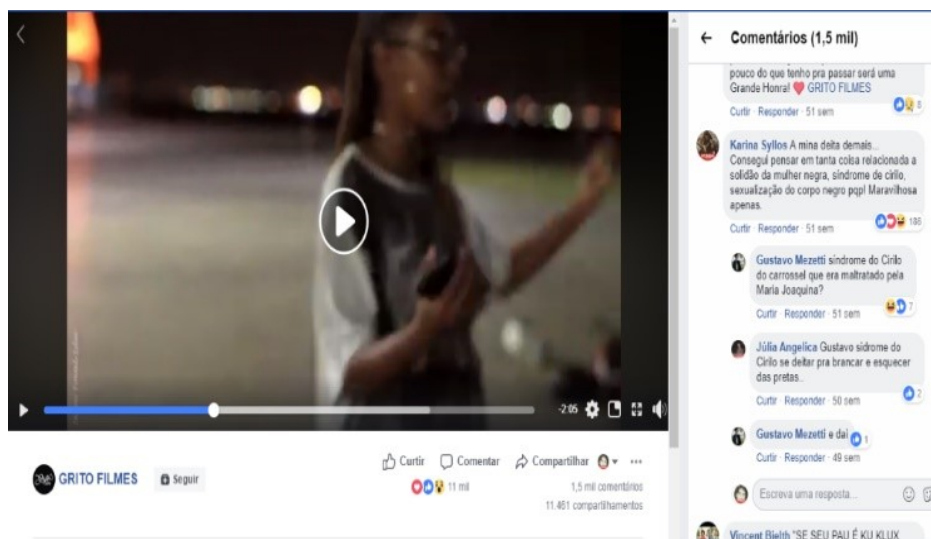
[...]
Oces acha que nois esquece
A tragédia dos mec mec
que termina, lá no cytotec!
sim, aborto!
A pergunta agora, é se o feto era vivo ou morto
E ela? crucificada aos dezesseis!
Sem ajuda de nenhum de vocês!
Sozinha!! pedindo aos céus ajuda de mainha!
mas aqui só tinha inferno e o julgamento é eterno
se nao vai pra prisão, pode ir pro valão
taxada de puta na televisão
pra nois, ninguém reserva oração
Tudo preto! sem bandeira branca na trama!

³ Guimarães lembra que o termo “democracia racial”, apesar de atribuído a Gilberto Freyre, não aparece diretamente em suas obras e, sim, “democracia étnica”, em conferências de 1944, quando se refere à catequese jesuíta no Brasil. (Cf. GUIMARÃES, 2001, p. 147)

Gabz não só denuncia a omissão do Estado, no bem-estar físico dessa menina, como revela um tema comum também ao rap, na remissão feita pelos rappers à ausência paterna, quando levada a cabo a gravidez.⁴

No vídeo, o trecho “A tragédia dos mec mec” é acompanhado de gestos que simulam a prática sexual (FIGURA 2), aludindo ainda a uma espécie de paronomásia (“met met” – reforçada pelo gestual da Slammer) em relação ao resultado final do sexo, a gravidez precoce indesejada e a marginalização/condenação da mulher.

FIGURA 2: Performance de Gabz e comentários



No trecho citado, ainda que Gabz priorize a perspectiva feminina, ela alude ao destino comum da juventude negra, “a vala ou a prisão”. Nesse sentido, o corpo negro transforma-se em dado estatístico, a confirmar um genocídio em andamento no país.⁵

Em outro trecho de sua poesia, Gabz se utiliza de expressões linguísticas como palavrões e gírias, para violentar quem a violenta:

[...]
 Ce já sentiu negra drama?
 Ou tu só respeita se for da família?
 Pede bênção pra mãe e não assume a filha
 É que ces não gosta de mulher, ces gosta é de buceta.
 De preferência branca, mas com bunda de preta
 Até serve comer mulata
 Mas se for a que te acata
 [...]

⁴ A propósito do rap, por este se constituir como uma “representação do real” da vivência do rapper, uma experiência muito comum a jovens da periferia diz respeito à ausência paterna (Cf. SOUSA, 2009, p. 204).

⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>. Acesso em 25 dez. 2018.

Expressões de baixo calão exercem, aqui, função semântica específica, de enfrentamento e crítica quanto aos discursos conservadores de senso comum que se chocam com sua linguagem da poeta, mas que, em contrapartida, não demonstram comoção similar às questões de violências e desigualdades que acometem as comunidades de periferia, ainda mais quando estas se referem à violência feminina e racial. Como bem esclarece Vitor Santos,

A obscenidade é uma forma de transgressão moral que tem função político-social, uma vez que exerce uma crítica corrosiva às estruturas culturais e morais da sociedade brasileira. A tematização de opções sexuais diferentes, escandalosas, prazeres vergonhosos, devassidão, é mais um modo que os poetas encontraram para denunciar o falso moralismo da sociedade conservadora, que se choca com o sexo e o palavrão, mas permanece indiferente diante de tortura, censura, violência urbana, miséria, corrupção, guerras e outras barbáries. (SANTOS, 2010, p. 92-93)

No trecho citado, é possível refletir não só sobre a questão da linguagem, mas como esta confronta a hegemonia masculina e branca ao apontar um discurso que evidencia a sociedade patriarcal. Como observa Heleieth Safiotti,

[...] a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial. Ainda que a supremacia dos brancos e ricos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na “ordem das bicadas” é uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres. (SAFFIOTTI, 1987, p. 16, aspas da autora).

Assim, Gabz desvela algo que subjaz nas relações de domínio masculino e de raça, a posição de desprestígio social ocupada pela mulher negra e pobre, da qual ela é uma voz autorizada.

Já no final de sua performance poética, Gabz expressa a representação da mulher que denuncia, evidenciando sua construção de mulher empoderada e desafiadora:

[...]
Eu canto aqui é pra lembrar essas histórias
Em meio ao caos nós vai encontrar a glória
Em meio a tanta luta nós vai chegar na vitória
É que eu tenho minha raiz, minha base pra ser feliz
Eu invado, eu não me encaixo
E você ainda se acha muito macho?
Mas nunca viu rastro de cobra, nem couro de lobisomem.
Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come
O que eu passei na vida ces não sabe como é, pra viver na minha pele
neguin, tem que ser muito, "mar" muito mulher!

Uma prática corrente de construção poética do Slam é a incorporação de dados do imaginário popular. Aqui, Gabz se apropria⁶ dos versos da canção “Homem com H”, de Antonio Barros, sucesso na voz de Ney Matogrosso, gravada em 1981, a fim de ressignificá-los a partir da ótica do empoderamento feminino, fazendo uso, ainda, de particularidades sonoras da “língua” carioca (“mar” muito mulher!). Assim, ela toma de empréstimo a máxima da canção a fim de trazê-la para o universo feminino, reconhecendo a força necessária para ser mulher.

Na performance de Gabz, é importante pontuar sua relação com o público físico da competição, aquele que assiste à performance original, que participa desta manifestando-se em momentos significativos de sua poesia, quando fala da objetivação sexual da mulher negra:

[...]
Cê vai se arrepender
De me fazer de objeto
Eu não to aqui para fazer seu membro ficar ereto
Não se esqueça
Aqui é muita treta
Se teu pau é Ku Klux Klan
Minha boceta é pantera negra
[...]

Para Ludmila Almeida e Goiamérica Santos, essa objetivação do corpo negro feminino corresponde a entendê-lo como “culturalmente submisso”, “também erótico e, muitas vezes, exótico”, provocando

[...] leituras que articulam gênero e raça na perpetuação da polarização entre a mulher negra, como “destinada” à servidão sexual ao seu senhor, ao prazer do outro, a amaciar a cultura europeia (como se percebe com as amas de leite, mãe preta, e babás escravas), e ao pecado [...]. A mulher negra no Brasil tem sua identidade social construída por um imaginário que a marginaliza a partir de discursos dominantes e europeus de estética e comportamento, no qual a negra se encontra no extremo do desvio. (ALMEIDA; SANTOS, 2016, p. 7-8, aspas dos autores).

Saffiotti reitera essa perspectiva masculina e branca dominante ao apontar que

[...] o homem branco construiu o mito da negra e mulata sensual. Embora nenhuma pesquisa haja demonstrado que a negra ou a mulata seja mais sensual do que a branca, é assim que a mulher de sangue negro é socialmente considerada. Interessa ao homem branco alimentar este mito, pois, por tradição, está habituado a “usar sexualmente” negras e mulatas. (SAFFIOTTI, 1987, p. 53, aspas da autora).

⁶ Assim como se dá no *rap*, este trabalho intertextual de “apropriação” seria um aspecto composicional da poesia do *Slam*, havendo mais que uma citação, uma “transfiguração, pois que o objeto anterior em sua reutilização passa a ter nova forma e significação, tanto para quem o produz como para quem o recepciona.” (TAKEUTI, 2010, p. 19).

O discurso de Gabz reforça sua posição de resistência e de uma nova existência, na qual se nega a essa objetivação ao se alinhar a movimentos sociais que recontam a história da diáspora negra. Gabz faz uso da escrita e da fala a partir de sua vivência e experiência cultural e histórica, enfatizando o conceito de letramentos como práticas sociais de reexistência. Isso porque capturam “a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem”, contribuindo para “a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal”. (SOUZA, 2009, p. 32)

O vídeo dessa performance de Gabz, postado pela página do Grito filmes no Facebook, possui mais de 521 mil visualizações, mais de 11 mil compartilhamentos, e de 1,6 mil comentários (FIGURA 3). Também a página “1Kilo de Rima” postou o vídeo, tendo uma maior visibilidade, com 2,3 milhões de visualizações, mais de 51 mil compartilhamentos e 5,5 mil comentários (FIGURA 4).⁷ A rede de usuários que tiveram e podem ter acesso a poesia é imensurável, considerando os compartilhamentos dos compartilhamentos e outras plataformas virtuais, como o Youtube, que também compartilhou o vídeo.

FIGURA 3: Print retirado da página “Grito Filmes” sobre o vídeo da Slammer Gabz realizado em 2017

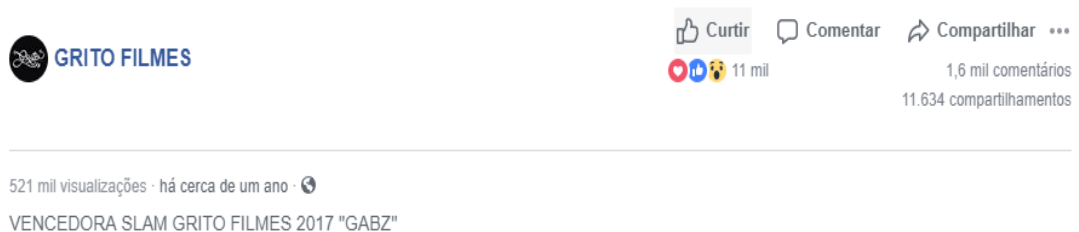
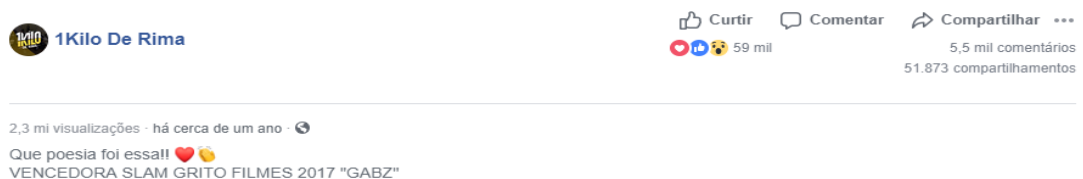


FIGURA 4: Print retirado da página “1Kilo de Rima”, do mesmo vídeo da Slammer Gabz realizado em 2017



Na página do Grito Filmes, o público virtual projeta também sua participação na performance, à medida que a comenta. Na Figura 5, por exemplo, a usuária identificada como Ka Syllos observa que “A mina deita demais... Consegui pensar em tanta coisa relacionada a solidão da mulher negra, síndrome de cirilo, sexualização do corpo negro pqp! Maravilhosa apenas”. No comentário, ela deixa expresso não só sua admiração pela performance de Gabz por meio de uma linguagem particular compartilhada com outros membros da rede (“A mina deita demais”) como ressalta um dos aspectos “psicológico”

⁷ Dados coletados em agosto de 2018.

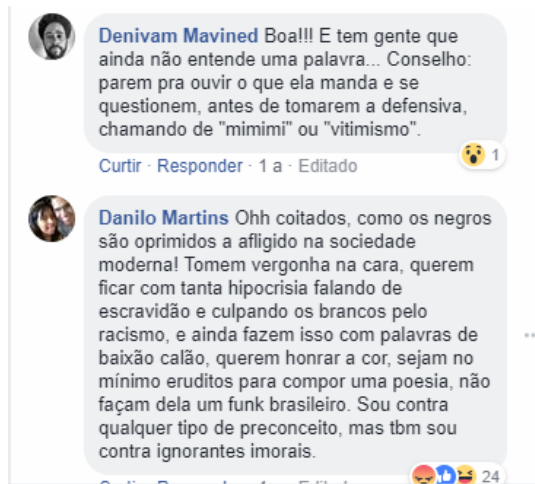
da narrativa ao destacar a “síndrome de Cirilo”. Em comentários derivados deste, Júlia Angelica esclarece Gustavo Mezetti sobre o comportamento aludido por Ka Syllos: “Gustavo síndrome do Cirilo se deitar pra brancar e esquecer das pretas”.

Figura 5: Print retirado da página “Grito Filmes” sobre o vídeo da Slammer Gabz realizado em 2017



Como espaço virtual aberto à expressão de quem assiste à performance de Gabz, na página do Grito Filmes aparecem também comentários que menosprezam os versos da garota, colocados, sobretudo, como contraponto aos elogios (FIGURA 6).

Figura 6: Print retirado da página “Grito Filmes” sobre o vídeo da Slammer Gabz realizado em 2017



No exemplo acima, chama a atenção como a crítica se reporta à linguagem de Gabz, que, como comentamos, é usada como um elemento de marcação da violência sofrida pelo negro, sobretudo pela mulher negra. Para o usuário Danilo Martins, trata-se, simplesmente, de “palavras de baixo calão”, sinônimo de ignorância linguística. Danilo,

ao contrário de outros usuários, não acessa o uso desse tipo de linguagem, justamente porque está imbuído de preconceitos linguísticos e de uma formatação de poesia que não diz respeito ao que se propõe no Slam. Apesar de dizer que é “contra qualquer tipo de preconceito”, ele aciona um dos mais tradicionais, o linguístico, para desvalorizar a fala do outro e, por consequência, o outro.

Os dois exemplos citados acima mostram que usuários passam a fazer parte também da performance de Gabz ao interpretar sua poesia e torná-la objeto de reflexão e prática social de leitura de mundo, ampliando o público original da performance, aquele localizado no espaço físico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As competições de Slam são, como vimos, espaços de atuação política a partir do lugar de fala que visibiliza vozes que são foram destituídas de poder e legitimidade ao longo do processo histórico. Uma vez que promovem crítica e reflexão sobre temas comuns presentes na sociedade, estes espaços se constituem como de produção cultural, de estabelecimento de um tipo de poesia que carrega referências históricas e performances críticas. Através da apropriação de uma vivência periférica e do estabelecimento de uma nova linguagem e discurso, Gabz denuncia desigualdades e violências sociais, sobretudo relativas ao corpo da mulher negra, que anuncia, em tom de revolta, que é “pessoa, pessoa, antes de mulata”.

Além de exercer sua cidadania, a Slammer transforma o espaço público e virtual em plataforma de atuação de uma política reflexiva e menos institucionalizada, construindo novos significados sobre ser mulher, negra e periférica em nosso país.

Nesse sentido, reconhecer a poesia Slam e suas implicações como discurso de resistência para indivíduos tidos socialmente como marginalizados é de significativa relevância, uma vez que, ao oralizar em tom de denúncia sua perspectiva e crítica contra as violências que afetam a sua realidade de pessoas negras, sobretudo mulheres, Gabz pode dar voz e lugar a vivências e narrativas que foram destituídas de poder, reconhecimento e legitimidade ao decorrer da história. Nesse caso, destaca-se o fato de que a performance é potencializada pela exposição nas redes e interação com seus usuários, que podem eles também problematizar e refletir sobre o discurso de resistência poética de Gabz.

O Slam é uma manifestação artística que denuncia e atua criticamente, construindo-se como espaço de aprendizagens e saberes, que é marcado pela transmissão de referências críticas e influências para os outros poetas competidores e de seu público, se considerarmos que o conteúdo poético é veiculado também nas redes virtuais

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ludmila Pereira de; SANTOS, Goiamérico Felício Carneiro dos. **Ritual da diferença**: atos performativos de comunicação, subjetividade e corpo da mulher negra no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39, São Paulo, 2016. Anais. São Paulo: Intercom, 2016. p. 1-16. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016>. Acesso em: 15 maio 2017

PEREIRA, Cilene Margarete; ESPOSITO, Domyinique Roberta de Oliveira. Espaço feminino nas competições de poesias Slam: discurso de resistência na performance de Gabz. **Crítica Cultural** – Critic, Palhoça, SC, v. 14, n. 1, p. 99-110, jan./jun. 2019.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça-o poetry Slam entra em cena.** Synergies Brésil, n. 9, p. 119-126, 2011. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf> Acesso em 07 set 2018.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 61, p. 147-162, 2001. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st20-3/4678-aguimaraes-democracia/file>. Acesso em: 20 out. 2016.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero.** Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 49, n. 2, p. 393-417, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v49n2/06.pdf> Acesso em 09 jul. 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, Luiz Henrique dos. **As letras de rap do movimento hip-hop como desdobramento do processo de segregação socioespacial: antigamente quilombos, hoje periferia.** 2013. 103f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista (Instituto de Geociências e Ciências Exatas) Campus de Rio Claro, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/95729>. Acesso em 10 mar. 2017.

SANTOS, Vitor Cei. **Poesia Marginal: Lírica e Sociedade em Tempos de Autoritarismo.** Literatura e Autoritarismo: Rememoração e Reminiscência, Santa Maria, n. 16, 2010. Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num16/RevLitAut_art06.pdf Acesso em: 07 jul. 2018.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop.** Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269280> Acesso em 07 dez 2018.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop.** São Paulo: Parábola, 2011.

SOUSA, Rafael Lopes de. **O movimento Hip Hop: a anti-cordialidade da “República dos Manos” e a Estética da Violência.** 2009. 243f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280592/1/Sousa_RafaelLopesde_D.pdf. Acesso em: 10 ago. 2016.

TAKEUTI, Norma Missae. Refazendo a margem pela arte e política. **Nômadas**, p.13-26. Colômbia, 10 abr. 2010. Disponível em: http://nomadas.ucentral.edu.co/nomadas/pdf/nomadas_32/32_1T_Refazendoamargempelaarteepolitica.pdf. Acesso em: 13 abr. 2017.

VILMEMA, José. Emergência e transformação da esfera política. A natureza da Subpolítica da política. **Revista Prim@Facies**, João Pessoa, v. 15, n. 30, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/primafacies/article/view/28838>. Acesso em 08 de out. 2018.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.